

ESTADO DE DIREITO – verdade e reconciliação

ou

ERFAHRUNG

Paola Cantarini

Doutoranda em filosofia do Direito – PUCSP. Mestre em direito pela PUCSP. Professora da UNIFMU.

ERFAHRUNG significa em alemão ao mesmo tempo viajar e experiência.

O império do amor seria o quinto e último império. Por isso não morreu Dom Sebastião.

É preciso que se abram os olhos e apertem os cintos para não caírem com a vertigem ao viajarem conosco no tempo e no espaço.

É *a priori* à reconciliação a revelação da verdade. A busca de um olhar para além dos limites do universo jurídico positivo, usando-se da palavra para compor os silêncios.

Tudo está de pernas para o ar, ao contrário do que deveria ser; hoje o certo é não ser diferente, não ser original, não ser criativo nem espontâneo, não questionar, seguir a massa, ser sugado pelo sistema, trabalhar apenas para comer, e ficar feliz de no final do ano conseguir ir de carro para uma

praia qualquer, com um amigo qualquer, em uma pousada qualquer (...), transpirar a poluição e se alimentar de alimentos envenenados. Somos envenenados dia-a-dia pela quantidade de química envolta em qualquer alimento e nada dizemos. Somos envenenados pelo *stress*, carência e depressão...fugimos de que...!?

Ser bom sendo mau (...)

Amor como paixão (...) e a experiência do limite.

Passivamente recolher a verdade.

Atrofia da experiência !!!

Como faz pensar a música de John Lennon, “ (...), working class hero is something to be”, ainda precisamos de heróis.

Transformados pela mídia em instrumento de manipulação, consumo e indução não consumimos mais alimentos vivos e cada vez mais somos sedentários, a vida se esvai de nossos poros a cada respirar.

Tudo se tornou descartável, momentâneo, imediato, indolor, inodoro, sem entrelinhas nem entrepassos, sem surpresas, sem bifurcações, somente em uma única direção: trabalhar para ter dinheiro e se sentir mais, ter para ser.

Não pensar, não reagir, não esperar, não sentir...não amar, não ousar.

Essa é a lei. A lei não escrita.

É como se quem pode fizesse tudo o que quisesse e desse risada de quem ainda acredita que há alternativa ao sistema instituído.

O mais importante não é dito nem escrito, desaparece como o vento das tempestades tropicais.

A violência é inata ao ser humano, as paixões acabam com a perfeição espiritual, e ainda somos influenciados negativamente pela (má) educação dos pais, amigos, colegas, professores e alunos, nos embutindo condicionamentos, medos, preconceitos, limitações, competição, esta é a lei, que vença o melhor, o mais apto, descartando-se o resto. É o sistema auto imunitário da sociedade.

Milícias por todos os cantos e por toda parte; a máfia domina todos os setores da sociedade e o dinheiro que anda junto com a política compra quase tudo.

Milícias, crimes praticados pelas Instituições Financeiras, crime organizado e de alto escalão, crimes de colarinho branco demonstram que a hipótese de que o crime alcança, na maioria das vezes apenas aqueles sem condições financeiras, os pobres, sem chances na vida, está equivocada, ultrapassada e não passa de mera ilusão, ou mais um teatro, de péssima qualidade.

O sistema está em andamento faz tempo, e cada vez estamos mais distantes de recuperar sequer a esperança de lutar pelos nossos direitos; não há direitos, não há direitos humanos quer dos presos, quer de todos nós, pois a sensação é a de injustiça e de impunidade, de que o crime de fato compensa no Brasil, quem sabe em todo mundo, em especial ante a ineficácia e total falência do sistema judiciário brasileiro, com um Tribunal Superior (STF) que não é uma Corte Constitucional independente, mas totalmente comprometida com as instituições financeiras e com o governo.

Uma informação assustadora: até 2050 a população carcerária crescerá exponencialmente mais rápido que o crescimento demográfico, ou seja, em tal data aproximadamente 90% dos brasileiros estariam presos, em

permanecendo o ritmo atual.... E isso nos presídios já degradados e degradantes, sem condições de pessoal treinado, de ambientes adequados.

São exemplos claros de tentativas autorizadas e legalizadas de matar um ser humano dia a dia, tirando-lhe aos poucos tudo, o trabalho, os amigos, a família, a autoestima, a alegria, a vontade, a esperança, o sonho, a vida, assim, o Estado legitima e autoriza a barbárie em nome da pretensa segurança que não existe e nunca existirá (Fonte: filme Tropa de Elite 2).

A maior falácia é crer no princípio da segurança jurídica e no sistema jurídico onde tudo se corrompe e compra, onde não há estudo suficiente pela maioria dos seus integrantes, onde a quantidade esmaga a qualidade, inexistindo um sistema integrado em todo o país, e digitalizado, ou seja, lidamos com sistemas totalmente arcaicos e obsoletos. Mais importa um bom advogado do que uma boa causa ou o próprio direito. Toda a legislação é facilmente deturpada e desviada para os fins que se pretendem sejam alcançados. Há diversas lacunas e brechas para um renomado escritório de advocacia que muitas vezes conta com advogados mais especializados do que o próprio julgador.

Perdemos no passado parte de nossa liberdade e de nosso patrimônio ao pagar ao Estado impostos e ao permitir o uso exclusivo por este da violência e do direito de punir, mas o Estado também está dominado, entregue às lutas de poder e à manutenção do *status quo*, e não adianta mudar o conteúdo se a estrutura já está consolidada e podre.

Saúde, educação e cultura, estão em último plano de interesse e investimento do Estado, basta ver os gastos do orçamento público, menos de 4% de todo o montante é distribuído para tais áreas, sendo o maior volume das dívidas, o pagamento de juros aos bancos pelo próprio Estado, o qual, continua a beneficiar tal segmento da sociedade, por meio de leis e

medidas provisórias inconstitucionais, e por meio de decisões judiciais sem fundamentação adequada, ilegítimas, não isonômicas e não proporcionais.

A cada ano a inflação corrói o salário das famílias, de quem conta o dinheiro para chegar ao fim do mês, e portanto, em muito mais do que oficialmente declarado, já que os salários não acompanham a inflação, além dos aumentos indiretos, nos serviços, alimentação e itens básicos para uma vida com qualidade, nos termos da OMS, além dos juros, impostos, etc.

No geral a regra é de que enquanto os criminosos contam com alto poder econômico para financiar armas sofisticadas, escutas telefônicas, e qualquer aparato e material que for necessário, além de corromper tanto particulares como funcionários públicos, as polícias encontram-se totalmente defasadas, em especial de tecnologia e treinamento especializado do seu pessoal.

Merece atenção um trecho do livro *Elite da Tropa*, *verbis*, ensejando o estímulo a maiores reflexões quando se trata no Brasil atualmente do número de 550 mil policiais:

(...) à noite, por exemplo, não fazemos prisioneiros. Nas incursões noturnas se toparmos com vagabundo ele vai pra vala. Sei que esta política não foi correta (...).

(...) Homem de preto, qual é sua missão:

É invadir favela e deixar corpo no chão.

Sou o maldito cão de guerra.

sou treinado para matar,

Mesmo que custe minha vida

A missão será cumprida,

Seja ela onde for

- espalhando a violência, a morte e o terror.

(...)

Eu sou...herói da nação.

(...)

Trago a morte e o desespero e a total destruição”. (Canto de guerra entoado nos exercícios diários dos soldados do BOPE).

Trata-se em parte da grande questão a que Walter Benjamin desejou chegar: a do efeito negativo da tecnologia capitalista moderna que transforma os seres humanos em autômatos, assim o homem é condenado a ser escravo de outros homens e de si mesmo.

Estas questões demandam uma nova concepção e compreensão do direito e neste sentido uma via alternativa é a teoria erótica do direito a qual procura a penetração mais profunda neste ambiente obscuro entre o direito, o mito, a filosofia, partindo-se da teoria erótica do pensamento. Uma teoria dogmática sensitiva experimental.

A teoria erótica do direito é em primeiro lugar uma teoria erótica do próprio pensamento, um erotismo sensual da teoria, ou melhor, uma erotização da teoria; trata-se de uma teoria erotizada, uma teoria viva, pulsante, uma teoria que é da vida, mas não uma vida entregue à teoria, surgindo do encontro nú entre dois sujeitos pensantes que se amam.

Eu não acredito em um Deus que não dança (Nietzsche). Não acreditamos em um direito que não seja poético.

Eu não acredito em um Deus que não sonha!!!

Como seria uma obra jurídica escrita ao modo do Finnegans Wake, de Joyce?!

Uma epifania, epifanizar o direito, erotizar o direito, fugindo da atual massificação pornográfica do direito!!!, que já se inicia com sua

transposição de tragédia grega em comédia romana, já em Roma começa a predominar a pornografia na política e no direito, com o início do Império, e pela *translatio imperii* é este império o que ainda nos domina (comunicação pessoal de Rafaele De Giorgi e Willis Santiago Guerra Filho).

A proposta que se sonha e se tenta transpor para a realidade, sem intervalos, entrelinhas e subterfúgios, sem desculpas, com vários paradoxos, de forma poética, buscando-se sempre a verdade nua e crua (cruel no sentido de Artaud e C. Rosset), a verdade no amor, uma hermenêutica filosófica e surrealista na esteira de Luis Alberto Warat, com ênfase nas artes e no amor.

“(...) estamos no centro da questão levantada por Nietzsche: como viver..”

Willis Santiago Guerra filho entende nesta expressão de Nietzsche “que antes dele Espinosa colocou a mesma questão em termos mais viscerais. ..literalmente, ao perguntar: - o que pode um corpo...(Ethica).

Deseja-se ir além de todos os limites, de todas as interpretações e conceitos já desenvolvidos, desconstruindo-se tudo que se tem por realidade, qual teoria estaria em maiores condições de produzir efeitos de emancipação! A própria teoria não seria a primeira prisão?

Propõe-se ir além do direito, abrindo-o a outros conhecimentos oriundos da filosofia, da poesia, da literatura e do teatro, o que pressupõe conhecer os limites de tais conhecimentos, para poderem ser ultrapassados; tais limites são como aqueles do horizonte, uma ilusão do olhar, do *horeos*.

Pretende-se uma teoria que consiga o resgate do tempo mítico, percebendo-nos que tudo é falante, nos reintegrando à natureza, ouvindo a voz dos animais e o canto dos pássaros que habitam os rios. Contra a

desertificação do conhecimento e em prol da criatividade, da espontaneidade e da sensibilidade erótica-poética.

Na linha de Heidegger, é necessário deixar-ser, abrir-se em favor do mistério, é necessário encontrar o extraordinário no ordinário.

É preciso compreender muito bem o que se pretende combater, não há escapatória da teoria sem teoria, mesmo que seja uma teoria-rebelião, como preconizam os autores de obra homônima.

Partindo-se do marco teórico da teoria de Willis Santiago Guerra Filho, desenvolvida no doutorado em filosofia, “O conhecimento imaginário do direito”, o direito visto com o mesmo caráter do sonho, sempre *in fieri*, a ser construído, reconstruído, renovado, partindo-se em um segundo momento da teoria poética do direito, desenvolvida em co-autoria com Willis Santiago Guerra Filho, poeta, filósofo e jurista, de forma original, criativa, rebelde, anárquica, surrealista e desafiadora, derrubando barreiras, desprezando o anseio insaciável de poder e controle, os preconceitos, os dogmas, os pensamentos impostos pela dominação capitalista ocidental e pela retórica de fachada. Mesmo doutrinas que pretendem fornecer argumentos contra a dominação exercem justamente por este seu ideal inquestionável efeitos de poder, autoridade, e censura.

Ao contrário dos gregos que não viam com bons olhos o desejo desmesurado e incontrolável - *hýbris*, que também significa transgressão, a civilização moderna fez da *hýbris* sua máxima virtude. A *hýbris* demonstrava a aspiração humana de igualar-se aos deuses, em sua imortalidade.

Epistéme deriva de *epistámenos*, que seria aquela pessoa vocacionada e competente para uma determinada atividade - sendo a *theoría* o que os gregos considerariam propriamente a ciência, saber

contemplativo das verdades universais, eternas e transcendentas, para além do saber mundano, habitual (a *doxa*), e que, para Aristóteles, é considerado um conhecimento através do qual os homens se ombreariam com os deuses, devendo, por isso, temermos a inveja deles.

A teatralidade tal como a concebemos seria uma operação de pôr em cena esse drama, criando um hiato na vida comum, do dia-a-dia, para interpretarmos isso, essa “intermitência da morte”, com apoio numa produção humana que a isso favorece, como é a literatura, quando ela resulta desse esforço para dar sentido ao nosso precário viver. Essa é uma idéia que evoca a necessidade de se criar espaços para a vida, o espaço da teatralidade, espaço separado, sagrado, da magia ritualizada pela palavra incorporada e encenada teatralmente, capaz de nos fazer viver a verdade, viver de verdade, ainda que brevemente, mas intensamente, recorrendo às vias transversas da exasperação, do paroxismo, da inter-pre(s)tação.

Isso implica uma recuperação daquela dimensão que foi esquecida, por influência da dominação política que se abateu sobre a Grécia e todo o mundo então conhecido - ou melhor, já em contato -, oriunda de Roma, reforçada posteriormente pela religião monoteísta, ainda mais repressiva, que se aliou ao império romano sob o qual padecera o seu fundador. Trata-se da dimensão corpórea da vida, que é a dimensão originária, pois é no corpo que se enraíza a consciência produtora dos pensamentos que formam a filosofia, assim como o que chamamos de “eu”. De uma tal recuperação é do que mais precisa um mundo como este em que vivemos, o mundo criado pela filosofia, e que hoje a despreza.

A grandeza da filosofia enquanto forma de saber estaria, então, em sua fragilidade, nisso em que ela justamente se diferencia das ciências, especialmente aquelas ditas “duras”, pois duvida até de si mesma, não podendo se dar por aceito de um modo geral o que ela seja, sendo esta

definição de princípio o (ou um) ponto de partida para a diversidade das filosofias. Entretanto, há um fato incontestável – ou que, pelo menos aqui, o tomamos como tal: a filosofia surgiu na Grécia antiga e seja lá o que ainda hoje se pretenda fazer valendo-se de seu nome para designá-lo, tomando-o com referência, ainda que seja para superá-la, haverá de guardar uma conexão com o que então se fez, e depois passou a se chamar assim, de filosofia. E se consideramos que PLATÃO, dramaturgo fracassado, como quem a iniciou, com seus “diálogos socráticos”, peças teatrais para serem lidas, ou invés de encenadas, então precisamos compreendê-la como uma reação à perda de contato com uma experiência – e, logo, um aprendizado – da vida, obtida de forma coletiva, comunitária, como era no teatro da época, especialmente com a encenação das tragédias, perda essa que foi ocasionada pelo processo de urbanização e organização política, quando se impõe a escrita. E é por isso que a literatura, enquanto escrita que produz um mundo alternativo ao nosso, também pela escrita, mas que a nós é proposto, ao invés de imposto, traz essa possibilidade de libertação, à qual recorrem os escritores, mas de que também nós leitores poderemos nos beneficiar, e mais ainda quando o fazemos numa experiência de dissolução do que somos no sujeito ou corpo coletivo de que nos falou a artista plástica brasileira Lygia Clark, ao acaso, por acaso.

Considerem, por exemplo, que a vida, tal como a conhecemos, assim como nossa espécie e nós próprios, enquanto exemplo individuais dela, somos o resultado de combinações altamente improváveis, quase impossíveis, submetidos, portanto, a um regime de extrema contingência, mas que deu certo e dá certo, considerando como certo que nós sejamos como somos. Então, por que pensar em “assumir o controle”, impor uma ordem que nos beneficiaria ao cancelar este acaso que nos gerou? Ao invés de se dedicar com tanto afincamento a adiar e, se possível, até cancelar a morte,

não seria melhor entendermos o seu significado, atribuir-lhe sentido, senti-la como uma possibilidade extrema da vida, que a torna possível, que faz parte dela e, portanto, que é, também ela, bela?! Só há e haverá vida, tal como a temos, porque houve e há morte, e assim como ela se iniciou, de um modo geral e em cada um de nós em particular, sem que houvesse nenhuma necessidade plausível, também terminará e se justificará se dela tivermos aproveitado bem: esta é a questão fundamental, como aproveitar bem essa dádiva maior do acaso – não vejo como tratá-la bem, pretendo abolir este mesmo acaso, ao invés de aceitá-lo, jogar com ele, se divertir, despreocupadamente (por que nos pré-ocuparmos com o que sequer sabemos se ocorrerá ou ocorre, tal como pré-figuramos ou antecipamos?), ocupando-nos com essa diversão, divertindo-nos com nossa ocupação, com sua diversidade mesmo na adversidade.

Aliás, assim como a arte não pode ficar restrita aos museus e suas molduras, também a filosofia não está apenas nos livros de filosofia, mas tanto pode estar em um filme de faroeste ou num gibi, como dizia aquele que hoje aclamam como um dos maiores filósofos, Wittgenstein, assim como pode estar em livros ou práticas de psicanálise, direito, literatura, religiões e até das ciências – *malgré de soi-même*, apesar de si mesmas.

Uma constatação, porém, que há de ser feita, por parecer primordial, apesar de banal – ou por isso mesmo -, no contexto dessa apresentação, é a seguinte: a filosofia erra. E tanto mais quanto com ela se pretende acertar, ter razão, atingir ou – pior ainda – possuir a verdade; e ainda mais quando com ela se queira escapar da errância que caracteriza o modo em que nos encontramos no mundo, para assim pretender chegar a algum estado ou estância no ser, pois o ser, se é, o é sendo – outra observação primordial. Precisamos errar em filosofia para acertar na vida, que é sempre errante, incerta – por que fazer da filosofia mais um artifício para ocultar isso, e

tudo o mais que se termina ocultando, pretendendo fornecer, com a filosofia, soluções para o insolúvel, o mistério da vida e do universo? Que seja para sempre e cada vez mais esse mistério, que a filosofia, como as religiões, a arte e mesmo a ciência, com suas descobertas e revelações, contribuam para aumentar, aumentando o prazer de vivê-lo. O que fazer ao fazer filosofia? Conseguir não fazer nada – e achar bom. Estar vivo, consciente disso, com sensações, boas e más, sempre passageiras: quando boas – infelizmente – e também quando más – felizmente. Nossa errância, hoje, é tamanha, que só a podemos louvar, por esse seu tamanho desmesurado.

Penso que melhor do que ninguém poderá ajudar-me a expressar o que pretendo o teatrólogo e escritor francês Antonin Artaud, quando logo da “introdução” de “O Teatro e o seu duplo” nos lembra do “número sem precedentes de crimes cuja perversa gratuidade se explica apenas pela nossa impotência de possuir integralmente a vida”. E que nos ocorre, se ao invés de nos “apossarmos” da vida que já temos procuramos possuir uma verdade que nunca teremos, nem sequer devemos pretender ter? Cometemos um crime, contra nós mesmos. Que ninguém se submeta a um tal sacrifício.

Para evitá-lo, na sociedade atual, em que predomina a virtualização, com o império das imagens, das representações realistas da realidade, a qual desaparece por trás delas, mais do que em qualquer outra, urge uma recuperação do que havia antes da filosofia e agora se situa além dela, que é essa vivência compartilhada coletivamente do que somos, o “corpo sem órgãos” de que falou ARTAUD, e sobre o qual teorizou DELEUZE, sendo na explicação de CASIANO SYDOW QUILICI uma idéia que evoca a necessidade de se criar espaços para a vida: “Espaços que implicam no esvaziamento de certas representações do interior do corpo”, posto que

“desfazer o ‘organismo’, encontrar o seu fundo decomposto é experimentar a vida de uma nova forma. É trabalhar com a angústia da morte. É dissolver a carcaça do indivíduo par abrir-se aos outros seres (...)” (cf. “Antonin Artaud: Teatro e Ritual”, São Paulo: FAPESP/Annablume, 2004, pp. 199 e 203). Como um desses é que concebo o espaço da teatralidade.

Não se trata de ceticismo e relativismo, pois não duvidamos da capacidade humana, animal, e até vegetal, por meio de seus artifícios (sendo eles próprios artefatos, naturais), de saber o que é certo, bom e o que lhe convém; nosso erro principia muito originariamente por ser o erro em si atribuir um eu capaz de produzir pensamentos corretos e seus.

A primeira ilusão, do eu e do meu, do *je*, e do *moi*. Não é só o *je* que é um outro como escreveu Rimbaud: o *moi* também é sempre outro, é sempre do Outro.

Transcendência do estado de ilusão ruim predominante atual, para além da experiência da arte como provocativa, não se deixando dominar pelos lugares comuns, para fora da caixa, do aparato, da maquinação, manipulação, programação, para além da incompreensão, além do desejo, o movimento, o corpo e a sensibilidade como instrumentos da nossa teoria, desenvolvida de forma intrinsecamente ligada à experiência sensorial e voltada à humanização do homem e dos sentimentos, cobrindo a vida de poesia, amor e arte.

Direitos da humanização da vida e direitos da alteridade (Warat).
Direitos do amor em suas diversas formas.

Não só a música, mas também a literatura e as matemáticas acima de tudo, *avant toute chose*, ou seja, a poética em primeiro lugar. E nela, o estudo do jogo e da encenação, o *play* e *interplay*, dos conflitos todos, do bem contra o mal, de amor e ódio.

Da união entre eros e as musas da poesia, sem qualquer paganismo ou paulianismo, é que se espera a produção f(r)iccional do Direito, impulsionada por uma teoria do direito consciente de sua natureza, também, erótica.